



## LENDAS BONJARDINENSES

### 1.1. FURNAS DO MÃO DE LUVA

Aí pelos idos de 1758, um jovem fidalgo que vivia tranquilamente o ócio em seu castelo feudal de Santo Tirso, em Portugal com outros nobres, envolveu-se numa conspiração que o levou às masmorras da prisão “Limoeiro”, enquanto Távoras subiam ao cadafalso.

Manoel Henriques, duque Santo Tirso, só deixou de subir patíbulo à intervenção Princesa dona Maria, filha do monarca D. José I que, entretanto, não teve forças para evitar seu exílio na colônia do Brasil, trazendo consigo o estigma de uma luva negra na mão direita.

Diz-se que sua amada, após beijar-lhe a mão, entregou-lhe uma de suas luvas que ele calçou e não tirou jamais.

Vindo da Vila Rica nas Minas Gerais em busca de ouro existente na região, Mão de Luva foi parar nos sertões de Macacu, posteriormente, sertões de Cantagalo e iniciou um grupo de contrabandistas que sob seu comando contrabandearam o ouro até finais do século XVIII.

Este aventureiro era constantemente perseguido pela guarda e para livrar-se de se preso, escondia-se nas furnas na fazenda da Saudade, às margens do Rio São José do Ribeirão, hoje segundo distrito de Bom Jardim.

A rotina do grupo foi interrompida com a prisão do Mão de Luva que foi levado para as masmorras da ilha das cobras e mais tarde, condenado a degredo perpétua nas costas da África.

Morreu a bordo do Breque que o conduzia e foi lançado nas águas do oceano, na saída da Baía de Guanabara, levando consigo a lembrança do amor platônico simbolizado naquela luva negra.

Existe uma outra versão referente à luva. Constam nos autos feitos de sua prisão que mão de luva havia adquirido hanseníase na viagem de Portugal para o Brasil e por esse motivo usava a luva para esconder sua deformidade.

Diz a lenda que o aventureiro e seu bando teriam enterrado grande quantidade de ouro nas referidas furnas e que existe uma estranha força que não permite que nenhum tipo de luz mantém-se acesa no interior de suas galerias.

Lugar de grande beleza natural ainda mantém as características rústicas do refúgio do rebelde romântico “Mão de Luva”.



## 1.2. A NOIVA DO TRAPICHE

Trapiche é um lugarejo. Lá orava Rosinha, numa casa muito modesta. Naqueles dias estava muito aflita, pois se aproximava o dia de seu casamento com Joaquim. Passou a semana toda envolvida com os preparativos, pois haveria uma festança na qual viria gente de todos os arraiais próximos. Rosinha era uma moça muito querida na vizinhança.

Finalmente o dia tão esperado chegara: o dia do seu casamento. Logo após o casamento todos dançavam alegremente e comiam fartamente. A festa ia adiantada, os convidados alegres pelo copinho de pinga que passava de vez em quando na sala. A harmônica o seu vai e vem soltava um chorinho no ar. O som animado esquentava o pessoal. Os tabuleiros de cocada, doce de mamão, broa, doce de cidra rapidamente eram esvaziados e logo substituídos por outros servidos pela mãe da noiva.

A noiva estava linda com seu vestido de noiva branco de tafetá, véu branco emoldurava seu rosto singelo, parecia até uma santa.

Já era quase meia noite quando o noivo propôs à noiva:

— O carreiro já está aí e o baú já está no carro. Vamo, amô? Já está ficando tarde.

A noite estava estrelada e a lua apontava brilhante lá do alto do céu e no caminho eles conversavam:

— Ocê gosta mêmo de mim?

— Oia, Rosinha, eu tenho um ciúme danado de ocê, quando te via de mão dada com o João meu coração cumeçava a pular e o sangue a frevê e sentia uma quentura que ia até as oreias. Agora não te deixo mais botar os pé fora da porta da cozinha.



— Uai, Joaquim, que negócio é esse, iante da gente casá ocê não dizia isso, to acostumada ir todo sábado a ladainha, num vô deixa de i mêmo, num é?

— Ah! Desgraçada, traçuera dus infernu, eu qui cunfiava tanto em ocê, creditei em tudo que ocê me falô.

Formou-se uma briga, até que o noivo nervoso perde a cabeça e apunhala sua noiva.

— Ai meu santo antoin, que que fui fazê? Agora fiquei sem ela por ciúme. Tanto que eu pedi a Deus que chegasse esse dia do nosso casamento. Vô sumi pelo mundo afora, nunca mais vorto nessa terra que me desgraço a vida.

Muitos anos se passaram, mas esta triste história de amor não foi esquecida porque sempre que tem uma noite linda como aquela com a lua cheia fazendo suas sombras surgirem atrás da mata como se fossem fantasmas tremulando pela estrada, aparece Rosinha, no seu vestido de noiva branco, com seu rosto lindo e pálido sob o véu de núpcias e o coração cheio de saudade e mágoa a procura do ingrato amado que nunca mais apareceu. Se nessa hora passar um caminhão ela entra de mansinho silenciosa e senta ao lado do chofer e viaja por um bom pedaço de estrada. Nada diz, nada pergunta, desaparece misteriosamente como surgiu, deixando na lembrança do viajante esta figura lendária, resultado de um infeliz amor.



### **1.3. LADAINHA DA BROA**

Santo Antônio é santo de devoção de muita gente, milagreiro e casamenteiro, invocado em todos os casos impossíveis de geração a geração. Faz mais de cinquenta anos que a família Vieira de Aguiar é devota do milagroso santo e vendo secar nas suas terras e na dos vizinhos as nascentes e os mananciais fez em peso reunindo a família inteira uma séria promessa em meio a uma fervorosa ladainha:

— Se as águas de suas terras não secassem, todo dia 12 de junho seria rezado em sua casa uma ladainha completa, acompanhada de cânticos e de broa com café.

Santo Antônio, lisonjeado com sua promessa, concedeu a graça pedida e até hoje as águas das terras da família foram abundante, fazendo justa a fama do Santo devoto.

A ladainha do dia 12, rezada pela família ficou conhecida até hoje como a LADAINHA DA BROA no bairro de São Miguel em Bom Jardim.



#### 1.4. LUZIÃO

— Bota dois tostões de pinga, moço!

Vira o copo de uma vez só. O cuspo que lhe sai da boca salta longe.

Os homens que estão encostados no balcão escuro e seboso se apertam um pouco mais e miram de cima para baixo a figura alta, mais alta que qualquer um deles. Vontade tem de provocar, mas respeitam a cara séria da mulher.

Luzião é mulher-macho!

Esfarela o fumo de rolo na palma da mão antes de botar dentro da fita de papel arrancada da cartelinha vermelha. Sua carapinha é russa e compacta, sai de chapéu encardido. Segura o pito por baixo da mão em concha, dedos compridos e nodosos, de unhas sujas e crescidas.

Entre cada baforada, um olhar escuro e mau. Tem aspecto feroz e semblante triste.

— Será mesmo que ela é mulher?

Quando mais deu uma nova luz a uma criança, porém de figura alta, ossuda, seus pés de grandes calcanhares para trás e dedos esparramados, nada disso evidenciam.

Ninguém vê, mas todos sabem que a mulata tem uma faca escondida entre as dobras da saia grossa. Essa faca já deixou um homem estendido morto, depois de uma briga por nada. Por isso mesmo ninguém puxa conversa com Luzião, todo mundo conhece sua fama.

Que tamanho terá a ferida que te fez assim Luzia?

Esse ar de rancor contra agente, resultado de tantos calos com que a vida te marcou um dia foi menos rude a ponto de ter posto no mundo o fruto de algum triste amor.



### **1.5. CHICA CEBOLA**

Arqueada, enrugada e ranzinza lá vem a chica cebola, bengalinha na mão, trouxa na cabeça.

Chica Cebola tem quase 100 anos, não fica mais feia do que é porque seu raro sorriso se abre num rosto triste e desdentado.

A velha Chica cebola não tem família, não tem parentes e não tem amigos. Até o tempo se põe ao largo, não se lembrando que tudo na vida deve ter um fim.

Por isso, a pedra em forma de gruta, na grande curva da antiga estrada de Barra Alegre se chama PEDRA DA CHICA CEBOLA. A pedra há muito tempo foi abrigo das noites de chuva, livrando do vento e do frio a triste velhinha.

Fez muitos anos que chica cebola já não existe, porém seu nome ficou gravado na pedra que por muito tempo lhe servia de lar.

Meio caduca, Chica cebola não fazia mal a ninguém, mas a criançada até hoje passa à distância com medo de sua assombração.